



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

IRINEU PANTALEÃO BAZACAS

(depoimento)

2002

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-11

Entrevistado: Irineu Pantaleão Bazacas

Nascimento: Não informada.

Local da entrevista: residência do entrevistado – Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Júlio César Bueno Perciúncula e Berenice Machado Rolim

Data da entrevista: 22/11/2002

Transcrição: Berenice Machado Rolim

Conferência Fidelidade: Johanna Coelho von Mühlen

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Johanna Coelho von Mühlen

Fitas: (01 fita) 11/01-A e 11/01-B

Total de gravação: 50 minutos

Páginas Digitadas: 17 páginas

Catálogo: Vera Maria SperangioRangel

Número de registro: 01609/2006/01

Nº da fita: 01609/2006/01a e b

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

BAZACAS, Irineu Pantaleão. *Irineu Pantaleão Bazacas (depoimento, 2002)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2006.

SUMÁRIO

Início da prática de lutas no Brasil e suas influências; Histórico do judô no Brasil e no Rio Grande do Sul; O judô feminino; A criação da Federação Gaúcha; rotinas de treinamento da época; Academias que formavam judocas; Campeonatos realizados com participação gaúcha; Mídia e patrocinadores das lutas.

Porto Alegre, 22 de novembro de 2002. Entrevista com o senhor Irineu Pantaleão Bazacas a cargo dos pesquisadores Júlio César Bueno Perciúncula e Berenice Machado Rolim para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

B.R. – Primeiramente, nós vamos fazer uma história da sua vida. O senhor vai contar a sua vida dentro do judô. De repente, a gente vai marcar uma outra entrevista que vai ser temática e fale só do judô em si, mas agora, o senhor vai contar um pouco da sua vida também nesse contexto.

J.P. – Então, professor, antes de entrar no judô o senhor teve alguma influência por parte de amigos, familiares? Qual foi a influência que o senhor teve que lhe levou a entrar no judô?

I.B. – Bem, desde pequeno eu acompanhava o meu pai, naquele tempo, existia luta livre, *catchs*, boxe em Porto Alegre. E, eu acompanhava, ele tinha sido pugilista e ia sempre às lutas de boxe, principalmente, assistir. Me levava junto desde os seis, sete anos de idade. E com isso eu comecei a tomar gosto pelo esporte. Treinei boxe um tempo na minha vida, não gostei, não achei que era aquilo que eu gostaria. Passaram-se muitos anos, pratiquei outros esportes: natação no União¹, atletismo; e, quando eu tinha vinte, vinte e um anos, isso em 1948... Eu tinha dezoito, dezenove anos e existia em Porto Alegre as lutas de *catchs*. Boxe pouco existia; existia lutas de *catchs*. Vinham do Rio de Janeiro, do centro do país, lutadores lutarem aqui, porque aqui era uma fonte de renda para eles. Vinha junto com os lutadores o Carlos Gracie.² Ele montou aqui, no Esporte Clube Cruzeiro³, que era lá na montanha - hoje é, onde é um cemitério - ele montou um “dojô”⁴, aliás, não seria “dojô”, teria um outro nome porque era para prática de jiu-jitsu. E, eu me candidatei a aluno de jiu-jitsu, e começamos a praticar; praticamos no ano de 49 e parte do ano de 1950. No ano de 1950, terminou o curso de jiu-jitsu porque o Gracie começou a... E, ele era meio desleixado, ele queria que tivesse cem, duzentos alunos. Mas sem divulgação, não houve

¹ Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

² Talvez tenha sido Gastão Gracie, o irmão menos famoso.

³ Esporte Clube Cruzeiro, fundado em 1913.

⁴ Dojô: palavra japonesa que pode ser traduzida como “sala de aula”.

esse número e ele terminou, aos poucos foi abandonando e nos deixou na mão. Em 1951, então, existia na esquina da praça da Alfândega, na Andradas, uma casa de *snook*, de jogos de *snook*; e nós, a rapaziada em Porto Alegre, nos reuníamos lá. A gente sabia as notícias, trocava informações, éramos uma turma muito grande de amigos. E, nessa leva de lutadores, veio lutar aqui no Rio Grande do Sul o Takeo Yano, um japonês e o filho do dono do Café Matheus... Vocês devem ter notado que havia na Borges⁵, a Confeitaria Matheus, era de frente a praça da Alfândega, na Rua da Praia. E, ali, se reunia todo mundo, um pessoal de futebol; tudo era pessoal do *snook*. O filho do Matheus, Carlos Matheus⁶, descobriu que o Yano entendia de judô. E, descobriu que o Yano tinha sido campeão numa província lá do Japão, uma província no sul do Japão e era terceiro “Dan”.⁷ Então, ele falou com o Yano e ele aceitou vir treinar judô aqui já que ele achava isso aqui uma fonte muito grande, porque o pessoal era muito aficionado por luta. As platéias em luta eram grandes e ele achava que ele ia ganhar dinheiro aqui. Então, o Matheus juntou uma turma, entre eles... Está escrito na história do judô que eu fiz, mas eu posso cita alguns nome: Abraão Chames⁸ e Chico Chames⁹, eram dois irmãos que o pai deles tinha uma malharia ali na Rua da Praia, malharia não, pelaria¹⁰. Trabalhava com eles também um japonês chamado Ivao Sugo e um outro chamado Yoshihara¹¹; esses também participaram na história do judô. Não se tem o Yoshihara porque eu não me lembrei quando fiz a história, agora aqui eu falando com vocês estou me lembrando que tinha também o Yoshihara. Não é o professor Shinohara. Esse é Yoshihara que era costureiro na pelaria. E, então, ele juntou uma turma entre os Chames, tinha o Carlos Alberto Dariano¹², Teodoro Mascaranhas¹³, o primo dele o outro Mascaranhas, eu cito aí¹⁴ não me recordo agora o nome, enfim, eram oito, me parece. Oito estão na minha história do judô, oito ou

⁵ Rua Borges de Medeiros.

⁶ Nome sujeito à confirmação.

⁷ Dan: graduação de faixas-pretas em algumas práticas de lutas modernas oriundas do Japão. No judô esta graduação divide-se do primeiro ao décimo dan.

⁸ Abraão Francisco Chames.

⁹ Nome sujeito à confirmação.

¹⁰ Pelaria: estabelecimento onde se vendem peles.

¹¹ Nome sujeito à confirmação.

¹² Nome sujeito à confirmação.

¹³ Nome sujeito à confirmação.

¹⁴ Refere-se ao documento elaborado por ele e intitulado “Relatório” onde, a pedido de Breno Herbert Jones, conta a história do judô no Rio Grande do Sul. Este documento foi elaborado para uma palestra que foi dada pelo senhor Irineu P. Bazacas por ocasião do curso Melhoria da Qualidade do Ensino, promovido pela Federação Gaúcha de Judô e organizado pela Comissão de Graus desta federação, onde o senhor Jones é o atual presidente.

não sei, por aí... E, juntou mais - nós que pagamos - porque esses oito, eles patrocinavam a estada do Yano aqui para ele dar aula. Eles pagavam as despesas, o Magestic¹⁵ dava hospedagem para os lutadores, mas não dava hospedagem todo tempo. Para o Yano ficar aqui todo o tempo, morando lá, então, essa turma pagava as despesa de alimentação dele que não eram feitas no Magestic, e ele, então, dava aula. E, nós, eu, Ivao Sugo, Januário¹⁶, Aveline¹⁷, João Graff¹⁸, nós todos entramos como aluno. Pagávamos uma mensalidade que ajudava também nas despesas dele. Nós não poderíamos patrocinar porque nós não tínhamos cacife pra isso, era caro. Naquela época, o judô era muito caro. Então, nós mandamos confeccionar os nossos quimonos, que eram feitos de saco de farinha - até era interessante que alguns como... A esposa do Carlos Alberto Dariano, que era um fabricante de móveis, fez pra ele o quimono e bordou, era todo bordadinho, todo cheio de florzinha [riso]... Era uma... Ninguém sabia, ninguém conhecia, nós não sabíamos nada de judô. Depois com o tempo nós começamos a aprender com o próprio Yano e com o pessoal que aparecia para treinar com o Yano. Tinha uns outros japoneses aqui que entendiam bastante de judô e eram bons; tinha uma Família Takeda¹⁹ que plantavam lá para o lado do Lami; eram verdureiros e tinha dois irmãos, dois Takedas, que eram muito bons de judô, também eram graduados, inclusive um da própria Kodokan²⁰ e treinou lá no Japão, na própria Kodokan. Daí em diante, o judô começou... O Yano fazia para a divulgação desafios, nós fazíamos demonstração no interior. A primeira academia foi em Caxias²¹, fora de Porto Alegre, que o Yano botou, também não deu certo. Então, o Yano nos levava e fazia desafios para... Se tivesse alguém que quisesse enfrentar um lutador de judô. E, nos botava a brigar com os caras. Era uma verdadeira briga. Uma vez, foi em Caxias ou foi em Cruz Alta, eu levei um chute no estômago de um gringão, daqueles que eu passei uma semana que eu não comi nada; passei uma semana em jejum [riso]. E, era isso que era o judô, nós não conhecíamos... E, o Yano também aproveitava, embora ele conhecia, naquele tempo, o judô era... Havia uma rivalidade entre o judô e o jiu-jitsu e o *catchs*²². Cada um dizia que era melhor que o outro. O pessoal do *catchs* dizia que a luta livre era o melhor que tinha

¹⁵ Hotel Magestic.

¹⁶ Januário Dias Rezende.

¹⁷ Jorge Aveline.

¹⁸ Nome sujeito à confirmação.

¹⁹ Nome sujeito à confirmação.

²⁰ KODOKAN: primeiro clube de judô fundado em 1882 por Jigoro Kano (1860-1938)

²¹ Caxias do Sul.

²² Forma de luta corpo a corpo praticada no Brasil no início do século XX.

como arte marcial; o jiu-jitsu, por sua vez, dizia que o judô não valia nada e vice-versa, até hoje existe isso, o pessoal do judô diz que o pessoal do jiu-jitsu não é grande coisa. Ontem, o Breno²³ estava me falando e eu disse para o Breno: “para aí tchê, eu treinei judô, treinei jiu-jitsu, acompanhei o judô, acompanhei o jiu-jitsu e não tem nada a ver uma coisa com a outra”. Quer dizer, tu não pode dizer: “Ah, o pessoal do judô entra no jiu-jitsu e ganha, um faixa-marrom foi campeão, não sei o quê”. Tudo bem, eu tenho um rapaz que está treinando conosco aqui, o Fernando²⁴, não sei o sobrenome dele, é faixa-preta; ele falou no Paulo²⁵, falou Grêmio Náutico Gaúcho e ele está disputando jiu-jitsu, e foi o nono no brasileiro na contagem geral. Vai fazer seletiva agora para o mundial de judô, de jiu-jitsu, e o problema é que são dois ramos semelhantes porque nós não podemos negar que o judô saiu do jiu-jitsu. É, isso aí é apenas um comentário, não tem nada que ver com a história do judô no Rio Grande do Sul. Bom, o Yano montou a academia por interferência dos Matheus²⁶ também junto ao gerente do Magestic que nos deixou treinar num terraço. Então, nós íamos lá para o Magestic. Fizemos um dojô num terraço com serragem e uma lona cobrindo a serragem - não existia tatame nem nós sabíamos o que era - e o Yano também não tinha dinheiro para comprar. Na minha época, era muito caro, era só importado, era aquele tatame de palha. E, num terraço redondo, nós tínhamos o dojô. E num outro terraço do lado, que era um terraço quadrado - eu não posso precisar o tamanho, eu calculo que era duas vezes essa sala aqui²⁷- no canto tinha uma caixa d’água e ali nós tomávamos banho, baldeando água um no outro; cobríamos os vidros das janela para hóspede nenhum ver, trancávamos a porta e lá nós tomávamos banho: balde no inverno - junho, julho, agosto, com balde da caixa d’água, era a única coisa que nós tínhamos. Dali, as despesa começaram a ficar muito altas para eles, e muitos deles eram solteiros, quem patrocinava era o pai, e os caras começaram... De certo, os pais reclamavam e estava difícil manter o Yano aqui. Então, foram no Rui Barbosa²⁸, que era um clube de futebol da Polícia Civil, cujo presidente era Delegado Cavali²⁹ e o vice-presidente era o inspetor Justino³⁰... Conversando a gente, à vezes, se lembra dos troços: não falei do Justino

²³ Breno Herbert Jones.

²⁴ Nome sujeito à confirmação.

²⁵ Nome sujeito à confirmação.

²⁶ Nome sujeito à confirmação.

²⁷ A sala do entrevistado media cerca de 30m².

²⁸ Nome sujeito à confirmação.

²⁹ Nome sujeito à confirmação.

³⁰ Nome sujeito à confirmação.

também. E, conseguiram fazer um acordo: eles dariam o Rui Barbosa gratuitamente, mas o Yano - entre os alunos particulares - ele tinha que dar aula gratuitamente para os policiais, porque o clube era da Polícia. Os componentes eram polícias. Então, isso foi feito, montamos novamente, tiramos a lona e a serragem lá do terraço do Magestic, trouxemos e montamos - o Rui Barbosa era na esquina da Riachuelo com Caldas Júnior, primeiro andar. Montamos ali, e nós começamos treinar. Treinamos ali até 1953 ou 54, daí eu teria que consultar algumas coisas que eu tenho, para fazer essa história do judô. O primeiro faixa-preta gaúcho chamava-se Dali Wolkman³¹, é médico ou era médico, não sei se morreu, tinha a minha idade. Dali Wolkman, ele tinha ido, me parece, para o oeste catarinense, é a última notícia que eu tive. Dali Wolkman foi o primeiro faixa-preta. E, depois, nos formamos faixa-preta, eu, o Januário, o Sugo, o Teodoro, parece que tem mais alguém; nos formamos faixa-preta em fins de 1953. Era faixa-marrom e faixa-preta, só que a marrom era dividida em três “kyus”³²: era terceiro, segundo e primeiro “kyu” e aí primeiro “dan”. Não existia faixa-amarela, roxa, verde, isso tudo foi criado depois comercialmente para os professores irem dando faixa, para segurar aluno, para o aluno se entusiasmar que estava ganhando faixa e fazer. Na realidade, o original do judô, eram três “kyus” anteriores ao primeiro “dan”, e todos eles eram faixa marrom, tinha uma listinha na faixa marrom; terceiro “kyu”, segundo “kyu” e primeiro “kyu”. Né, “san kyu”³³, “ni kyu”³⁴ e...

J.P. – “I kyu”³⁵.

I.B. – “Ni kyu”.

J.P. – “I”.

I.B. – “I kyu”. E, então, isso aí deu um impulso muito grande ao judô porque aí já tinha faixa-preta de judô; tinha aquela história, começou a divulgação maior. E, o Yano devia

³¹ Nome sujeito à confirmação.

³² Kiu: nome que é dado para as graduações de faixa no judô que são inferiores à faixa-preta. Atualmente temos do 7º ao 1º kiu e a cada um corresponde uma cor de faixa (da cinza à marrom).

³³ San kyu: terceiro grau.

³⁴ Ni kyu: segundo grau.

³⁵ I kyu: primeiro grau.

muito em Porto Alegre; ele fazia refeições lá no restaurante do Januário; ele devia para o Januário, ele devia em jogo que ali se jogavam, eles jogavam no Rui Barbosa [palavra inaudível] os policiais onde ele se meteu a jogar junto, e devia dinheiro ali no restaurante - quase um ano de refeições no restaurante do Januário. Porque ele vivia com uma japonesa na Duque de Caxias, porque nessa troca do Majestic para o Rui Barbosa, ele saiu do Majestic. Então, aí ele viveu com uma japonesa, que ele já tinha um namoro com ela até quando ele foi embora. Ele não vingou no Rio Grande do Sul, ele não teve progresso porque ele bebia muito e era muito farrista, era da noite. E, o dinheiro que ele botava no bolso de dia, ele queimava de noite. Como todo bom japonês ele era muito propenso à bebida. Conheci um monte de japonês, a metade bêbado. E, deixa eu me lembrar... Sim, aí ele não tinha dinheiro para pagar e o Januário e propôs a ele: pagava toda a despesa que ele tinha feito aqui, o dinheiro do jogo, esse troço aí, e, em troca ele ficaria com a academia. Ele fez isso e foi embora para São Paulo, dali em diante não se teve mais notícia do Yano - isso em fins de 54. Continuamos na academia. Nesse tempo, em 1952, 53 chegou em Porto Alegre o professor Loanzi³⁶, professor de Luta Livre contratado pelo Esporte Clube Cruzeiro pra ensinar Luta Livre aqui. O professor Loanzi ia lá pra academia com uma... Fez amizade com o Yano por intermédio das promoções de lutas de *catchs*, que aí o Yano também já era promotor e ele veio de lá promovendo, então eles tinham cada um os atletas deles lá e faziam... Nós do judô não participávamos. Participávamos da seguinte forma: os campeonatos de judô eram feitos nos intervalos das lutas de *catchs*, quer dizer, tinha uma luta de *catchs*, depois, vinha uma disputa de judô, tinha outra luta de *catchs* e no final de três semanas tinha o campeão de judô que ganhava uma medalhinha [riso]. Era feito assim. E, quando o Januário, depois em 55, vendeu para o Loanzi... O Loanzi tomava nota dos golpes de judô, ele era muito bom de luta de chão, mas em pé ele não sabia nada de “nage waza.”³⁷ Então, ele tomava nota do nome dos golpes, como eram e tal, para ele ensinar. Em 55 ele comprou, 54 ainda, ele comprou a academia do Januário. Aí, quando ele foi pra lá, foi a turma de *catchs* toda. Era cada sujeito sujo, sem quimono. Tinha um cara que a gente ia treinar com ele, o cara nunca tinha tomado banho, eu acho, tinha uma asa, então mandava: Vai treinar imobilização com ele. Eu não vou! Quer dizer, fomos embora.

³⁶ Aloízio Nogueira Bandeira de Melo.

³⁷ Nage waza: expressão japonesa; nage: projeção; waza: técnica. Técnica de projeção.

J.P. – Só um minuto. [INTERRUPÇÃO]³⁸

I.B. – Bom, quando isso aconteceu, de entrarem toda essa turma para o judô, para o Rui Barbosa, nos reuníamos, sempre conversávamos, e resolvemos sair. E, o Januário queria levar todos nós para o Internacional, que ele conseguiu montar a academia dentro do Internacional. E, o Sugo queria nos levar pro Grêmio, porque ele montou uma academia no Grêmio. Então, nós fomos para o Grêmio porque o Januário tinha um defeito, que nós julgávamos defeito, os nomes dos golpes ele traduzia para o português, era carregada, meia carregada: volta com o pé por dentro, quer dizer, era uns troços assim que ele... Então, nós não gostávamos daquilo, então fomos embora, eu, colorado, fui para o Grêmio treinar judô no Grêmio. E, treinamos lá. Saiu de lá o Henrique Dias, saiu Faixa Preta [palavra inaudível]. Do sul, saiu Luis Sérgio Casarim, que é advogado, é vivo, é meu amigo daquele tempo. O Graff treinava lá, depois o Graff saiu, montou a academia dele na Independência. Tu vê como o judô começou a abrir um leque, né! De uma academia só, que era o Rui Barbosa, agora eu já estou te contando que já existiam nessa época três. Havia muito Grenal de judô. O Rui Barbosa não participava, nós queríamos fazer campeonato de judô, o Rui Barbosa não participava porque nós não entendíamos de judô, nós tínhamos... Aí começaram a divulgar que o judô era só eles que praticavam. Isso, ainda Matias³⁹, o Tatu, estava nesse meio. E, por nossa vez, nós não nos misturávamos também... Deixa eles falarem lá e nós vamos ficar aqui. E, o negócio se dividiu, passou um lado a dizer que o outro não prestava, que um era... Eles diziam que nós treinávamos era jiu-jitsu, e que o jiu-jitsu não prestava, que o judô era deles. Quer dizer, era aquele negócio, para divulgar a parte deles do judô que era no centro e o pessoal ir pra lá. De fato, eles tiveram muitos alunos. Eu acho que eles tiveram, naquela época, perto de cem alunos.

J.P. – Qual era o local onde eles treinavam?

I.B. – No Rui Barbosa. E, nós treinávamos... Tinha bastante aluno também no Grêmio, o Januário também tinha bastante alunos. Então, nós fazíamos campeonatos gre-nais. Nessa

³⁸ Havia um forte cheiro de alguma coisa queimando na residência do sr. Irineu. Interrompemos para averiguar. Felizmente não era nada grave.

³⁹ Carlos Matias Pauli de Azevedo. Atual Presidente da Federação Gaúcha de Judô.

época, assumiu, isso já em 1955, assumiu a Federação Gaúcha de Judô⁴⁰ o professor Jorge Aveline. Era economista, o judô deve muito a ele porque ele foi o divulgador na mídia. Ele era o comentarista do *catch* na rádio, então, ele divulgava muito o judô. Foi presidente da Federação Gaúcha de Pugilismo, não era Gaúcha de Judô, era Pugilismo. E aí, ele começou a fazer campeonatos de judô gaúcho entrando todo mundo. O primeiro campeonato brasileiro que o Rio Grande do Sul foi, foi em 1955 [silêncio] me parece que é essa data, eu tenho aí escrito⁴¹, depois, tu confere o que eu digo ali porque eu escrevi, o que eu escrevi está mais certo do o que eu estou te dizendo.

J.P. – Sim.

I.B. – Porque, quando eu escrevi, eu pesquisei minhas papeladas que eu tinha aí e tal. Foi pesquisado. As datas estão mais corretas do que eu estou me lembrando agora. Por isso, eu peço que as datas tu confiras com aquilo que eu estou te dando. Em 1955, então, teve um Campeonato Brasileiro na Bahia e, foi o primeiro ano que o Rio Grande do Sul participou de um campeonato nacional. Nesse campeonato foram: uma equipe que o Januário - foi o técnico, foi Chames, foi Glauco Bergamaschi⁴² que eu escrevo aí também, foi os Mascaranhas - onde vieram de lá o terceiro “Dan” gaúcho... Porque, naquele tempo, quando tu entravas num campeonato, nem era por peso, era por categoria de faixa, só, então, tu entravas numa categoria, tu passavas a ter o grau da categoria que tu disputastes. Então, o Mascaranhas disputou o terceiro “Dan”. Parece que foi o Cazarin⁴³ que disputou o segundo “Dan” e o primeiro “Dan” o Chico e outros, o Não me recordo o nome, daqui a pouco eu vou me recordar, foi como Faixa Marrom. Então, vieram na graduação... Primeiro graduado no Rio Grande do Sul foi o Mascaranhas, o Teodoro⁴⁴, que veio como terceiro “Dan”. Também quando começou a Federação Gaúcha não reconheceram ele. Eu fui pra São Paulo, em... Até, em 58 houve campeonato brasileiro em Porto Alegre, no Grêmio Náutico União, posso dizer a data porque foi a data de nascimento do meu filho [risos], foi em outubro de 58; ele nasceu dia seis, foi do dia quatro ao dia sete, mais ou

⁴⁰ Provavelmente seria a Federação Gaúcha de Pugilismo, já que a Federação Gaúcha de Judô viria a ser fundada somente em 1969/70.

⁴¹ Refere-se a um documento escrito por ele no qual dá o seu relato pessoal da história do judô gaúcho e que passou para os pesquisadores do CEME.

⁴² Nome sujeito à confirmação.

⁴³ Nome sujeito à confirmação.

menos, houve um campeonato brasileiro em Porto Alegre. Nós... Eu não participei, porque eu nunca fui muito de participar de campeonato, o que eu gostava mais era de treinar; participei de alguns, principalmente em São Paulo, porque eu era obrigado. Como eu fazia parte de uma academia e não pagava mensalidade [risos] os caras faziam eu disputar campeonato pelo menos para compensar alguma coisa na academia, mas do contrário, eu não fazia muita questão de participar, gostava muito de treinar, mas participar de campeonato não era muito o meu forte. Em 1958, então, depois desse campeonato, começou um pequeno movimento para criação, para desvinculação do judô da academia de pugilismo, porque a academia de pugilismo abrangia todos os esportes de lutas. Aí, dois que foram grandemente responsáveis... Aí, já não era mais o Jorge Aveline o presidente. O Jorge Aveline tinha passado para o Moacir Dorneles⁴⁵, que era o Tarzan Mirim da Luta Livre. Então, o Moacir Dorneles, embora o judô é que sustentasse a Federação Gaúcha de Pugilismo, ele foi favorável a que nós fundássemos a federação. Então, em fins de 1958, nós fizemos o movimento e, em 59, foi fundada a Federação. A Federação, então, foi composta pelo professor Loanzi, ficou como Presidente de Honra. Isso tu não precisas tomar nota porque está escrito. Tu estas recebendo aí. Eu tenho aqui a... “o professor Loanzi ficou como Presidente de Honra, o Presidente da federação ficou o Ricardo Rodrigues Gaston, o Vice-presidente o Matias, o técnico o Inata⁴⁶ e Secretária a Dona Ponci” que também fez muito pelo judô no Rio Grande do Sul.

J.P. – Só um minuto. [INTERRUPÇÃO]⁴⁷

[FINAL DA FITA 1-A]

I.B. – Então a Dona Ponci⁴⁸, era a única mulher, naquele tempo, que fazia parte da Federação e praticava judô como mulher. Outra mulher, era a Léa Linhares, que era aluna do Henrique Dias que já tinha aberto academia, porque aí já tinha uma porção de

⁴⁴ Nome sujeito à confirmação.

⁴⁵ Moacir Lauro Dorneles.

⁴⁶ Nome sujeito à confirmação.

⁴⁷ Interrupção para virar a fita.

⁴⁸ Nome sujeito à confirmação.

academia, nessa época já começou a desmembrar, tinha clubes. O Cleto⁴⁹ botou no Lindóia⁵⁰ e no Petrópolis⁵¹. Eu dava no São José, no Colégio Vicente Palloti, no Colégio Júlio de Castilhos e no Grêmio Niterói, tinha quatro lugares que eu dava aula. Aí já dava aula o Tatu, dava aula no Rui Barbosa, o... Nesse tempo, chegou aqui o Obata⁵². Eu não escrevo muito sobre o Obata porque eu sei que ele tinha a Academia Tóquio, mas, nessa época, eu fui para São Paulo, 1960. Aí, eu estive em São Paulo até 65. Lá, eu treinei basicamente na academia do Kawakami. Ele tinha sido campeão brasileiro de todas as categorias, não era absoluto, foi duas vezes, era muito forte, como começou a aparecer... Inata, que era guri, tinha quinze anos, estava disputando o brasileiro, Inata, o Shinohara. Antes deles, antes do Kawakami era o Kurachi⁵³, não sei se tu conhecestes ou já ouvistes falar.

J.P. – Já ouvi falar.

I.B. – O Kurachi foi campeão sul-americano, primeiro brasileiro a ser campeão sul-americano. E, o Kurachi, tinha uma academia também em sociedade com o Kawakami e, eu para te falar, essa... Foi aí que eu dei a minha primeira aula; eles me deram uma turma de guri para eu dar aula. E aí, eu comecei a aprender a dar aula lá em São Paulo. Quando eu vim para Porto Alegre, nós montamos aqui o Ginásio Ringue 12, que era na Cristóvão Colombo; eu, o meu irmão e um juiz de luta, o Nilo Rizo⁵⁴. Meu irmão era juiz de luta e o Nilo Rizo era juiz de *catchs*. E, eu montava o espetáculo, ensinava os lutadores e montava aquele negócio: agora tu fazes isso, no segundo “round” tu fazes aquilo, quer dizer, aquela coisa, aquela palhaçada que fazia para o pessoal jogar até relógio, sapato, jogavam de tudo lá no Ginásio da Brigada Militar. Eu que montava, então, o espetáculo no Ringue 12 e dava aula de judô. Comecei a dar aula de judô e, aí começou a entrar gente e aí fechamos o Ringue 12, vim para o São José, Vicente Palloti, depois abri mais no Júlio e no Grêmio Niterói. Nessa época, comecei a entrar nos campeonatos. Em 70, 71, 72 e 73 o Grêmio Niterói foi campeão de todas as categorias, menos a preta, que nós não tínhamos Faixa

⁴⁹ Cleto Alves Mendes. Que teria iniciado o judô no Lindóia Tênis Clube e no Petrópolis Tênis Clube.

⁵⁰ Lindóia Tênis Clube.

⁵¹ Petrópolis Tênis Clube.

⁵² Teruo Obata.

⁵³ Nome sujeito à confirmação.

Preta, mas nós éramos campeões em Infantil, Juvenil, Infanto-juvenil e Juvenil, as três... E Faixa Branca à Verde, nós fomos campeões seguido os quatro anos, foi quem desbancou o Rui Barbosa, porque até aí era só o Rui Barbosa que ganhava. Então, nós conseguimos formar no Niterói... Não que fosse grande mérito meu, mas eu tinha duzentos alunos. E, duzentos alunos, naquele tempo, podia inscrever três por categoria, eu tinha chance de levar três em cada categoria e três bons, guris muito bons como o Palma⁵⁵, Jair Cobe⁵⁶ que era o melhor que eu tive até hoje, mais técnico. Na categoria do Palma, ele perdeu só uma luta para o Palma durante todos os campeonatos, era ele sempre o campeão, inclusive ele quer ir junto a campeonato, hoje ele é artista de teatro. Eu telefonei, descobri o nome dele, telefonei pra ele, fui lá vi uma peça dele e, aí, ele me disse que eu telefonasse agora quando tivesse um campeonato que ele queria ir junto para recordar. O Alexandre Velí Nunes, colega de vocês deve ser, também era meu aluno. Ele também fazia parte dessa equipe, ele pode comprovar o que nós ganhamos, como é que foi o negócio. E, daí pra cá, até 75, início de 75, eu dei aula de judô. Em 75, eu tinha uma empresa e, essa empresa me roubava todo o tempo do mundo. Eu abandonei todos esses clubes e passei a dar aula no Gondoleiros que me convidaram porque o Matias tinha dado aula ali e tinha saído; primeiro foi o Henrique Dias que abriu o Gondoleiros, depois o Nao Ibiuaua⁵⁷ e, depois, o Matias deu um tempo aula lá. Depois, não sei o que houve, eu sei que aí me convidaram para dar aula. Eu dei aula lá uns seis meses e tive que desistir. Não deu mais porque eu tinha que viajar, tinha problema e eu não queria faltar, nunca faltei uma aula de judô. Eu não queria porque eu acho uma coisa muito responsável, inclusive nesses comentários que eu te dei aí, eu escrevo o perfil que é um professor de judô, o perfil que ele deve ter, quer dizer, tudo aquilo que eu acho que deve ser um professor de judô. Então, eu não poderia, *eu* fugir daqueles meus princípios e, abandonei, parei de dar aula. Comecei a acompanhar... No princípio, eu ia a todos os campeonatos, depois, eu passei a não ir aos campeonatos, mas era filme, era comentário, eram livros que eu comprava, eram coisas que eu estava sempre procurando, visitava algumas academias, tinha sempre contato com o Tatu, era um que eu sempre tinha contato e eu ia ver as aulas, dar aula, e, agora, no ano passado, que eu resolvi: sabe de uma coisa? Tem uma academiuzinha aí, eu vou começar a dar aula também e, fui para lá junto, estou até agora. Aqui, não é nesse, esse é relatório, esse aí também é

⁵⁴ Nome sujeito à confirmação.

⁵⁵ Nome sujeito à confirmação.

⁵⁶ Nome sujeito à confirmação.

relatório ou não? Esse aqui fui eu que escrevi por um judô melhor [riso]. Isso aqui não tem nada de importante, eu faço um comentário, “o que é um professor de judô: antes de tudo, o professor de judô é um formador de caráter”... A gurizada ia mesmo, e eu escrevo porque, “como deve ser o perfil do professor” de judô, eu digo aqui inclusive que o professor de judô depois que começa a dar aula não pode mais participar de campeonato. Porque para o menino ele é um ser imbatível, ele é aquele... Não tem aquele velhinho, que tinha um filme que ele dava aula para o gafanhoto que era um guri. Quer dizer, imagina, o que o guri pensava dele, é mais ou menos o que o guri pensa do professor de judô. Então, o professor de judô não pode perder, não pode participar de campeonato, se ele perde cai por terra, o guri até abandona o judô eu já vi por causa disso. “O comportamento de um professor” de judô. Quer dizer, como eu já vi professor de judô se comportar, às vezes ir para o lado do tatame e gritar para o aluno: *Vai, não tem medo*. É uma série de coisas assim ridículas, que eu acho que o professor de judô... Reclamar de árbitro, professor de judô não pode reclamar de nada, ele tem que dar um exemplo para o menino de paciência, perseverança, ele não pode sair fora de uma conduta rígida, porque aquela conduta que tu dá para o aluno dentro da aula: não fala, olha todo mundo quieto, façam isso todo mundo por ordem; olha, chegou um professor, vamos fazer o cumprimento. Aquilo ali, ele tem que ser muito mais disciplinado do que o guri. Quer dizer, como é que tu vais dar aula se tu não és um cara disciplinado. Isso aqui eu escrevo, são os comentários assim que eu venho escrevendo. E, depois, eu faço uma preparação no judô, a lei da alavanca. Eu boto aqui que, se observar o nosso corpo, nós temos um monte de pontos de apoio para fazermos alavanca, para derrubar um corpo até maior, mais pesado é [silêncio]... Com aula de judô, não é... O que um atleta precisa... O engenheiro Evandro Mota⁵⁸, que é professor de controle mental, eu tirei curso com ele, junto com ele e, depois, tirei curso com ele, ele diz o seguinte: que um bom atleta tem que ter 50% de preparação técnica e 50% de preparação psicológica. Tem, eu não citei aqui, mas tem um caso que talvez vocês saibam que se chamava Emil Zatopec⁵⁹, me parece que era polonês, a Máquina Locomotiva, ele ganhou numa Olimpíada no atletismo, até hoje, ele foi o único que ganhou, isso em mil novecentos e cinquenta e poucos, ou sessenta, sessenta e poucos. Ele ganhou *oito* medalhas de ouro numa Olimpíada, é único no mundo até hoje. Então, ele tinha uma preparação psicológica

⁵⁷ Nome sujeito à confirmação.

⁵⁸ Nome sujeito à confirmação.

⁵⁹ Nome sujeito à confirmação.

que o pessoal diz que ele corria num estado hipnótico. Ele conseguia fazer uma auto-hipnose, ele não sentia dor, não sentia desconforto porque é provado que, em um sujeito hipnotizado, a força dele é duas vezes a força normal dele, é a resistência, a capacidade de perceber. Esse Emil Zatopec dizia que ele corria assim, dessa maneira; e ganhou... Como é que eu fazia o Exame de Faixa; e faço um comentário que na aula... Aqui eu falo sobre o medo, nós temos assim... Cada aula eu falava [silêncio]. Nós temos problemas, um monte de problema para... Eu cito aqui, para poder na aula, e eu dei aqui o medo como nosso aliado na luta, porque todo mundo, luta contra o medo e eu fazia os meus alunos terem medo. Porque medo é uma condição humana, psicologicamente nós somos compostos de medo, vaidade e orgulho. Nós temos esses três fatores primordiais na nossa formação como ser humano. Então, nós não podemos dizer para o menino: Olha, não tenha medo!

J.P. – Essa palestra que o senhor costumava dar, professor, era no começo da aula, no final...

I.B. – No começo da aula.

J.P. – No começo da aula. E, os alunos, como que eles ficavam para assistir a palestra?

I.B. – “Zai”⁶⁰. Todo mundo ajoelhado, sentado sobre os calcanhares, *eu também*. Meu cumprimento para início e fim de aula, também era feito dessa maneira. Nunca em pé.

J.P. – Quantos minutos, essa palestra?

I.B. – Essa palestra, eu boto aqui, era dez minutos, aproximadamente. Porque a minha aula era duas horas.

J.P. – E, as crianças não ficavam um pouco incomodadas, com uma dor no tornozelo?

I.B. – Não, de jeito nenhum. Nunca tive problema nenhum.

⁶⁰ Zai: ajoelhado.

J.P. – Sim.

I.B. – Ficavam porque desde a primeira aula isso era treinado. Hoje, se eu ficar nessa posição, por exemplo - eu tenho um problema de joelho que eu não posso - mas mesmo que eu pudesse, ia me doer o tornozelo, mas eu também ficava, quer dizer, não sentia nada, ninguém sentia coisa nenhuma. E, depois, a própria palestra, eu procurava que a palestra fosse, assim, envolvente, de maneira que chamava muito a atenção [palavra inaudível]... Prestava atenção em outra coisa, não se falava. A minha aula era três vezes por semana, por isso eu ganhava os campeonatos. Eram três vezes por semana e duas horas por aula. Eu não era comercial. Porque hoje a aula é comercial, é uma hora, não dá nem uma hora de aula, né. A minha aula era duas horas, nunca menos. Era tudo mais ou menos cronometrado, quer dizer, eram dez minutos da palestra, depois eram de dez a quinze minutos “taisô”,⁶¹ que era a ginástica de aquecimento, depois, tinha o treinamento de queda e, depois, tinha treinamento de projeções e, eu dava trezentas entradas por aula, quando dava. As primeiras dez eram bem devagarzinho e eu ia corrigindo um por um, baixa mais, puxa mais, desequilibra para cá. Eles entravam e ficavam numa posição, por exemplo, “seoi”⁶², ficava todo mundo na posição, abaixado, aí eu passava, corrigia, tu és mais assim, assim e tal, agora vocês começam a fazer isso devagarzinho, de modo que chegava na décima vez ele já começava a apurar e, aí, na décima vez ele derrubava, começava de novo, na décima derrubava e, aí, depois eu deixava ele de dez em dez derrubava uma vez. Dez de esquerda, dez de direita, dez de esquerda, dez de direita e, assim eu ia, dava três golpes por aula, cem entradas em cada golpe, três golpes por aula, não passava disso. E, sempre preguei e, dizia toda aula: o bom atleta deve jogar com cinco projeções. Ele não pode ficar assim: ah, esse joga disso, aquele joga daquilo. Não, ele tem que jogar de cinco, ter cinco projeções como principais. E, o pessoal não: Olha, o forte desse aí é “o soto gari”⁶³, ele dá só “o soto gari”, não, não é por aí, eu não achava que era. Então, eu fiz diferente. São os comentários que eu fiz aqui, que eu estou dando para vocês.

J.P. – Certo.

⁶¹ Taisô: o aquecimento nas aulas de lutas japonesas.

⁶² Seoi: carregar nas costas; nome de uma das técnicas para projetar o adversário no judô.

I.B. – Eu acho que é isso aí que eu tinha que dizer para vocês, não sei se vocês querem fazer mais alguma pergunta, alguma coisa...

J.P. – Sim. As pessoas que não eram do judô, como é que era a aceitação por parte das pessoas, o pessoal de Porto Alegre, como é que as pessoas enxergavam o judô em Porto Alegre, naquela época? E, no Estado?

I.B. – Olha, pouca gente sabia, nessa época, e, os que sabiam encaravam o judô, que eles diziam assim: “Agora tu estás treinando judô, tu não podes brigar com mais ninguém porque se tu brigares tu vais para cadeia porque é considerado que tu tens uma *arma*”. Quer dizer, aquele troço antigo, que a arte marcial era uma arma e o sujeito portava uma arma automaticamente. Mas, não tinha muita aceitação como tem hoje. Não tinha. O número de alunos era bem menor, era com muito respeito, os pais não botavam... Os professores começaram não aceitando crianças, eram só adultos, quando começaram a aceitar criança muito pai dizia: “Eu não vou botar o meu filho aí, ele vai se tornar um criminoso.” Porque se levava para esse caminho, o que se entendia de judô era luta para matar o outro, para quebrar, quer dizer, era uma coisa muito violenta, se levava pelo caminho da violência. E, os pais: “Eu não vou fazer que o meu filho seja violento.” Houve uma resistência por muitos anos, uma grande resistência a respeito da criança. Depois, eu e mais uns, porque a turma, como o Tatu e outros continuaram dizendo que o troço era meio violento, né? Não sei por quê? Para valorizar, não entendo porquê, Delamar⁶⁴, Milton⁶⁵, Bofio⁶⁶, Praia⁶⁷, aquela gente toda antiga levava o negócio como uma coisa assim: Arrebento! Porque eu vou lá, porque eu faço isso, porque a... Então, os pais viam aquilo como violência, tinham uma...

J.P. – Sim.

I.B. – Custaram a aceitar.

⁶³ O soto gari: literalmente significa Grande Externo Gancho; técnica para projetar o adversário no judô com o predomínio da ação de pernas.

⁶⁴ Delamar Teixeira.

⁶⁵ Nome sujeito à confirmação.

⁶⁶ Nome sujeito à confirmação.

⁶⁷ Nome sujeito à confirmação.

J.P. – Treinamento, tinha algum treinamento, tipo: correr na rua...

I.B. – Tinha.

J.P. – Tinha?

I.B. – Tinha. Quando nós podíamos...

J.P. – As pessoas encaravam essas...

I.B. – Preparação.

J.P. – O público encarava com naturalidade as pessoas correndo na rua, ou achavam estranho?

I.B. – Não, mas nós não corríamos com o “judogi”⁶⁸, nós íamos de calção como qualquer, e de camiseta como qualquer...

J.P. – Era comum as pessoas correrem pelas ruas de Porto Alegre nessa época?

I.B. – Tinha os que corriam, não muita gente, mas tinha gente que corria.

J.P. – Que época, mais ou menos, era essa?

I.B. – Desde o começo, desde 50.

J.P. – É?

I.B. – Tinha gente que corria. Gente que corria treinando como atleta, não como exercício físico como é hoje. Depois de Cooper⁶⁹, quando Cooper esteve aqui, ou esteve no Brasil,

⁶⁸ Judogi: Roupa de treino específica do judô; kimono de judô.

que veio a febre de correr, e hoje a febre é caminhar, quer dizer, cada época tem uma. Mas, naquela época, não tinha nem uma nem outra, o pessoal que corria era pessoal que treinava atletismo.

J.P. – Sim. E, o senhor comentou do Nilton, do Delamar; tem uma versão sobre a história do judô gaúcho que coloca o Nilton, o Delamar e o Osvaldo Monteiro dos Santos⁷⁰ como os primeiros Faixas Pretas do Estado. Isso procede na sua visão?

I.B. – Não, não procede porque nós... Eles, isso aí, eles ganharam faixa preta em 1958, o Tatu ganhou em 60; eu ganhei em 53.

J.P. – Sim.

I.B. – O Dali ganhou em 52.

J.P. – E, o senhor não, a sua faixa...

I.B. – O mais antigo de todos é o Dali Wolkman.

J.P. – O Dali, tem como a gente contatar ele?

I.B. – Eu não sei. Eu não achei ninguém. *Nem o Sugo*⁷¹! Que deve estar aqui por Porto Alegre. O Dali, ele era médico, podes pesquisar isso tendo algum conhecido em Chapecó ou oeste catarinense, que ele me parece, teve num hospital por lá, tu tens um hospital...

J.P. – A sua promoção à faixa preta foi em São Paulo?

I.B. – Não, foi aqui.

J.P. – Foi aqui?

⁶⁹ Médico americano Kenneth H. Cooper. Seu nome popularizou a “corrida” ou “jogging”, ou “cooper”.

⁷⁰ Dado sujeito à confirmação.

I.B. – Foi pelo Yano.

J.P. – Takeo Yano.

I.B. – Eu fui pra São Paulo em 60. E, o Yano me deu faixa preta em 53.

J.P. – Certo.

I.B. – Quando em 1968, 67, 68. Eu dava aula no Ginásio Ringue 12 e a Federação Gaúcha de... Foi ano de 67, Federação Gaúcha de Pugilismo, onde o Gaston⁷² já fazia parte. Me mandou um recado, que eu não era Faixa Preta nem aqui nem na Cochinchina⁷³, que a Federação ia tomar providência para isso. *Eu tirei a faixa preta e botei uma faixa marrom⁷⁴ e continuei dando aula*, isso aí [palavra inaudível] é problema deles porque eu nunca fui assim: *É promoção eu quero isso, quero aquilo*. Não, se não me dá, não me deram e pronto, fica nisso. Aí, o Jorge Aveline, que ganhou faixa preta junto comigo, deu uma bronca quando me viu dando aula de faixa marrom, ele chegou para mim e disse: “Tchê! Mas o que é isso? Todo mundo progride e tu está regredindo? Por que tu paraste na faixa?” Não, é que a Federação disse isso aí. Ele foi lá e deu uma bronca, falou até na rádio, na TV Farroupilha, se não me engano, era, naquele tempo, Gaúcha, não sei qual é das duas. Ele falou sobre esse caso. O Moacir, que era o presidente da Federação, chamou o professor Loanzi, aí me deram o Diploma de Faixa Preta [riso], quer dizer, então, oficialmente pela Federação.

J.P. – O senhor tem o Diploma?

I.B. – Tenho.

J.P. – O oficial que lhe deram?

⁷¹ Ivao Sugo.

⁷² Ricardo Rodrigues Gaston.

⁷³ Expressão popular, significa que ele não era Faixa Preta em lugar nenhum.

I.B. – Tenho.

J.P. – Mas tem o anterior?

I.B. – Ah, anterior não tinha!

J.P. – Era o Takeo Yano.

I.B. – Não, era o Takeo Yano que dava e ele só dava um papelzinho escrito à mão por ele, nem sei aonde é que foi parar aquele papel, eu não guardei.

J.P. – Sabe que o [riso], o Hélio Gracie⁷⁵ também promovia assim, ele dava um papelzinho.

I.B. – É! É, era assim que o Yano me deu.

J.P. – O que eu ia lhe perguntar... Então, as pessoas que praticavam o judô nos primórdios, no começo, eram pessoas de que classe social?

I.B. – Média e média-alta.

J.P. – Era? Em função de quê? Era caro essa prática?

I.B. – Era caro, era *muito* caro. Para teres uma idéia, eu gastava um terço do meu ordenado com judô. E, eu não patrocinava o judô como os outros patrocinavam, não entrava no rateio da despesa, eu pagava mensalidade. Mas a mensalidade era mais que um salário mínimo hoje, deveria ser uns duzentos e cinquenta a trezentos reais hoje. Quer dizer, era caríssimo. Então, a classe pobre não entrava mesmo. Eu não tinha muito cacife para entrar, eu entrava de metido que sou. Eu não tinha muitas condições de participar disso aí. Só quem tinha... Depois eu ganhei cancha do Yano, depois que ele me deu a faixa preta ele não me cobrou mais mensalidade. Ele fazia isso, depois que ele dava a faixa preta, ele não

⁷⁴ A faixa Marrom antecede a faixa Preta no judô.

⁷⁵ Apontado como o idealizador do Método Gracie de Jiu-Jitsu no Brasil. Patriarca da tradicional família Gracie que reúne diversos praticantes de Jiu-Jitsu.

cobrava mais de ninguém. O único que teve colher de chá foi o Ivaio Sugo, como era japonês, o Yano deixou ele treinar sem pagar.

J.P. – Com relação a judô feminino...

I.B. – Não existia.

J.P. – Só a...

I.B. – Não existia. E, não aceitavam, a Federação não aceitava e fazia propaganda contra. Não sei que época eu estava em São Paulo, mas eu acho que até setenta. Até setenta eu te garanto que não aceitavam.

J.P. – E, essa propaganda contra...

I.B. – Até setenta, até 74.

J.P. – Essa...

I.B. – Te afirmo, que até 74 não aceitava mulher em judô.

J.P. – Qual era o argumento que eles colocavam para que a mulher não participasse do judô?

I.B. – O Ricardo Rodrigues Gaston, era um sujeito, é um sujeito tão autoritário que ele não dava satisfação. Uma vez eu fui questionar com ele uma série de coisas, tinham me posto de secretário na Federação. Aí, quiseram um campeonato e o Matias fez errado, inclusive o Breno é testemunha, que foi também lá fardado para participar do campeonato e chegou lá depois de todo mundo fardado, pesado, ele disse: “Não vai haver mais campeonato”. E, não deu satisfação do porquê. E aí, eu dei uma bronca, o Gaston me chamou atenção, disse: “Olha, eu não sou mais da Federação, não pertencço mais a essa porcaria e não quero mais”. Fui questionar com ele, diz ele assim: “Olha, eu estou em cima, em um pedestal, eu sou

presidente, e eu faço o que eu quero”. Tudo bem! Quer dizer, ele não dava explicação por que mulher não podia participar, simplesmente não pode.

J.P. – Só para constar, o Breno foi um dos seus alunos?

I.B. – Sim.

J.P. – Começou com o senhor?

I.B. – Começou.

J.P. – E, outra dúvida que eu tenho, o senhor comentou do Ringue 12, eu lembro que teve uma época que as lutas eram televisionadas no Ringue 12?

I.B. – Sim.

J.P. – E patrocínio do *Marinha Magazine*⁷⁶, o senhor não se lembra?

I.B. – *Isso*. Exatamente.

J.P. – O senhor tinha uma participação nesses eventos com esse patrocínio do *Marinha Magazine*?

I.B. – Tinha, eu ganhava pelo espetáculo, eu tinha fixo, não posso dizer o valor de hoje.

J.P. – Mas era um negócio...

I.B. – Só sei, tinha cem reais por semana fixos.

J.P. – O senhor é que organizava?

I.B. – Eu que organizava o Espetáculo, quer dizer, dentro da academia.

J.P. – Sim.

I.B. – O que um lutador ia fazer, o que o outro ia fazer, quem é que ia lutar com quem.

J.P. – E quem foi que intermediou o patrocínio do Marinha Magazine?

I.B. – O Moacir Dorneles, que era o dono do Ringue 12.

J.P. – Ele que intermediou o patrocínio do Marinha Magazine

I.B. – É.

J.P. – E ele era transmitido...

I.B. – E os três lutadores que vinham de São Paulo. Do Rio, São Paulo.

J.P. – E qual era a TV, o canal que...

I.B. – Lá em São Paulo era a Globo⁷⁷.

J.P. – E aqui?

I.B. – Aqui, foi quando saiu da Farroupilha⁷⁸ e aí, o Moacir pegou e foi para Gaúcha.

J.P. – O Ringue 12 era aqui no Rio Grande do Sul?

I.B. – Era. O Ringue 12 era aqui.

⁷⁶ Loja de Departamentos Porto-alegrense que patrocinava o evento de lutas denominado “Ringue 12” que era televisionado.

⁷⁷ Rede Globo de Televisão.

J.P. – A TV gaúcha transmitia as lutas?

I.B. – Não, de lá de São Paulo era outro, outra coisa. Era TV Globo Esporte, era um outro troço, *Tele-catchs*, lá era *Tele-catchs*.

J.P. – E aqui era Ringue 12?

I.B. – E aqui era Ringue 12.

J.P. – Passando pelo canal...

I.B. – Doze.

J.P. – Doze.

I.B. – É. Por isso era Ringue 12, era do canal 12. O canal 12 não pagava, tinha o patrocínio e a renda. Davam uma comissão para o Moacir e a renda do ginásio, então, era rateada por porcentagem, eu tinha 2%. Meu irmão e o Nilo Rizo tinham 4% cada um e os lutadores ganhavam por luta, não era por comissão e o Moacir embolsava o resto que sobrava. Não sei, qual é a porcentagem que ele gastava. Mas era um espetáculo caro.

J.P. – Está certo. Seu Irineu, acho que por hoje...

I.B. – Tudo bem, continuo a disposição de vocês.

J.P. – Está certo. Muito obrigado.

I.B. – Continuo dizendo que isso aí não... Tem mais gente que é dona desse [riso], desse aí, não sou eu.

J.P. – É?

⁷⁸ Rádio Farroupilha.

I.B. – Eu sou um contador de história.

J.P. – Nome de algumas pessoas antigas, que a gente pudesse entrevistar.

I.B. – Que pudesse?

J.P. – Entrevistar... Pessoas antigas.

I.B. – Yvao Sugo, o Casarim alguma coisa, o João Graff, quem mais? O resto eu não sei se vive! Se tu encontrares o Chames, Abraão Francisco Chames. O Abraão Chames é Arquiteto, adianto isso, Chico Chames é economista, o Theodoro Mascaranhas é engenheiro de minas...

[FINAL DA FITA 11/01-B]

[FINAL DO DEPOIMENTO]